



Bem-vindos ao Ceciliaverso

Este material foi criado
PARA VOCÊ.



Para quem ainda não conhece
o Ceciliaverso,
*e sonha em se apaixonar por histórias
que ficam para sempre.*



Para quem quer conhecer
e não sabe por onde começar,
*e deseja encontrar o livro perfeito
para entrar nesse universo.*

Para quem já conhece
e quer matar as saudades,
*e reviver a magia de cada página,
como quem reencontra um velho amigo.*

Aqui, cada história tem um lugar.
E você também.



Mapa de Richmond

Thornwycck Hall

Casa da marquesa-viúva, Agnes,
mais conhecida como a espiritosa
Lady Lennox – e seus gatinhos,
não podemos esquecer.

Rio Tamisa

Richmond Park

The Vineyard

Rutherford Hall

Lar da duquesa-viúva Eugénie Hargrove,
mãe dos queridos e irresistíveis
Adrian – o duque de Rutherford,
e Benjamin, o segundo filho espirituoso...

Ashford Hall

Lar dos Seymour: Edward, o conde;
Lavinia, a condessa-viúva, e Charlotte –
e, então de Sylvia...



Mapa do Ceciliaverso

1

A DAMA DOS MEUS SONHOS

Sylvia e Adrian

O encontro de uma dama incomum e um duque que nunca soube desejar.



2

A DAMA DO MEU DESTINO

Charlotte e Benjamin

Entre livros, amizade e segredos, dois corações teimosos descobrem que o destino sempre encontra um jeito de unir almas.



3

A DAMA DO MEU NATAL

Rudolph e Bernadete

Reviver a mesma noite várias vezes até que o amor, enfim, vença, com a ajuda da magia de Natal...



4

A DAMA QUE SEMPRE AMEI

Edward e Angeline

Entre perdão e orgulho, dois corações descobrem que há amores tão profundos que o tempo não consegue apagar.

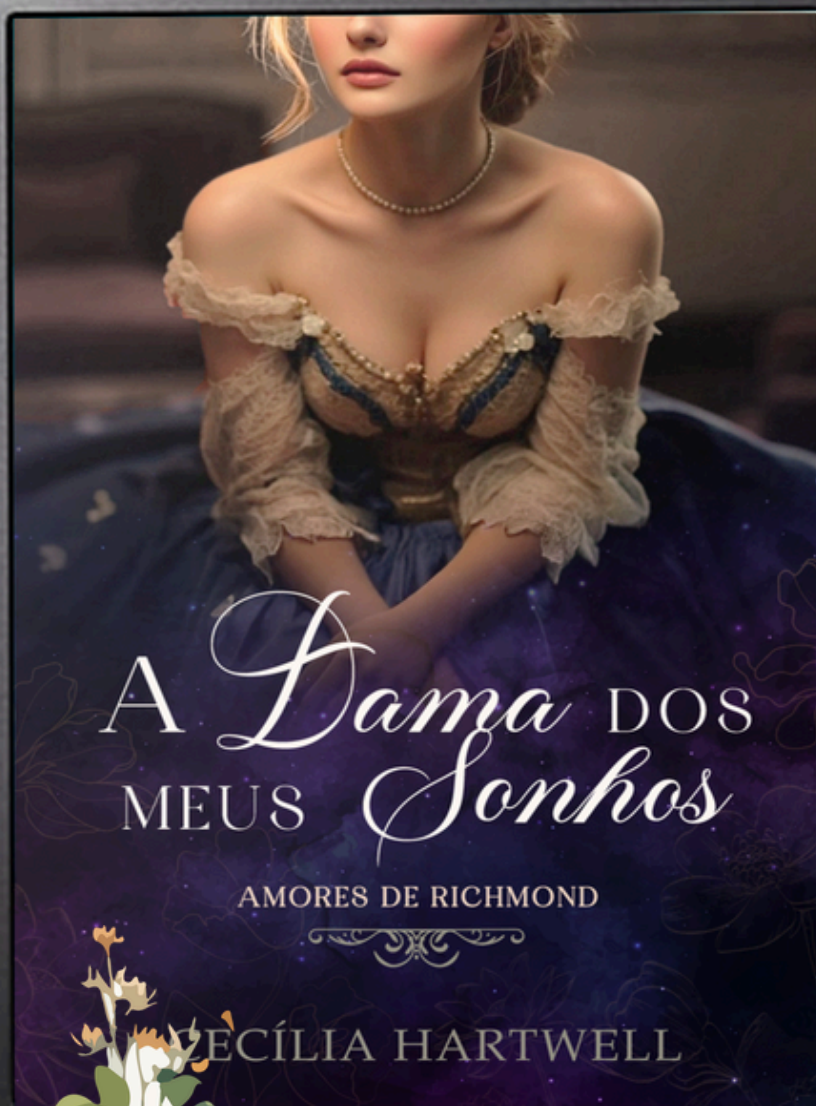


5

A DAMA QUE ME ENSINOU A AMAR

Alexander e Satine

EM BREVE



A Dama dos
MEUS Sonhos

AMORES DE RICHMOND

CECÍLIA HARTWELL

kindle

Rutherford Hall, Richmond, Condado de Surrey, 18 de setembro de 1841.

Duque de Rutherford

Estava em Ayutthaya, na corte do jovem príncipe siamês. Era noite, e as tochas iluminavam os pátios com um brilho cálido. O aroma de jasmim se misturava ao da bebida escura que os anfitriões ofereciam em pequenas taças de cerâmica pintada — na mão, uma infusão fermentada, forte, de sabor adocicado e pungente.

O príncipe sorria enquanto apresentava sua esposa, uma mulher de postura firme e olhos profundos como o rio que corria ao fundo do palácio. Eles se entreolhavam com uma ternura quase silenciosa, e o duque, com a taça entre os dedos, percebeu que aquela troca de olhares dizia mais do que qualquer palavra.

Ele sorriu com leve amargura, perguntando-se se algum dia sentiria aquilo. Amor. Desejo. Uma paixão tranquila e poderosa como a de um casal que já não precisava falar para se entender.

Ele havia amado muitas mulheres. Loiras, morenas, ruivas. Ladies, plebeias, cortesãs. Mas nunca sentira, de fato, amor por nenhuma delas. Nunca havia desejado mais do que uma ou duas noites entre os lençóis com cada uma. E, talvez, no fundo... bem no fundo mesmo... tão fundo que seria necessário cavar muito para encontrar... um duque libertino estivesse com os dias contados porque agora ansiava pelo amor. Pelo amor de uma mulher.

E foi de tanto pensar nisso que, naquela noite, em seu aposento decorado com véus e sinos de vento, ele teve um sonho.

Uma mulher caminhou em sua direção por entre folhagens de palmeiras e perfume de chá. Seus cabelos eram da cor do mel aquecido ao sol, e os olhos — tão vivos — o fitavam com uma mistura de timidez e reconhecimento. No sonho, ele a amava. Sabia disso como se já tivesse vivido uma vida inteira ao lado dela.

Ela se aproxima, o abraça e diz:

— Que bom que você chegou, Adrian.

Logo, ela se despe, deixando que ele a veja nua, e o corpo do duque desperta naquele sonho, vibrando desejo, mas não desejo pela carne dela, apenas. Desejo por ela. Completa. Carne, alma, espírito.

Quando despertou, ainda sentia o perfume dela nos dedos. E foi difícil não perceber que, logo abaixo de sua cintura, algo também se lembrava do corpo dela.

Ainda sob o efeito daquele devaneio, sua mão escorregou por baixo dos lençóis, encontrando o membro endurecido com a mera lembrança dela. Ele fechou os olhos e tentou retomar aquele sonho incompleto, imaginar a mulher esperando por ele em sua cama, os seios redondos à vista. Era urgente. Ele precisava encontrá-la.

Então a imaginou sentando-se sobre ele, os seios roçando seus lábios, o sexo dela úmido encontrando o seu. E uma fome desesperada se acendeu dentro dele: quente, urgente. E, com essa mesma urgência, ele se tocava, sua mão descendo e subindo vigorosamente até não ser mais necessário. Até que um espasmo delicioso tomou conta do seu corpo e ele sorriu, entregando-se ao torpor que toma o corpo após ter o desejo satisfeito.

Abriu os olhos algum tempo depois, ainda sentindo a mesma sensação: aquela mulher, aqueles olhos. E caminhou sem rumo por uma das feiras fora dos muros do palácio. Ele via tudo, mas não percebia nada. Todos os sons o invadiam, mas faziam eco dentro dele, como se estivesse vazio. Era um emaranhado de tendas coloridas, tambores, tecidos e odores intensos. E foi ali, na barraquinha modesta de um velho artesão de mãos manchadas de tinta que Adrian viu o espelho.

A moldura o atraiu primeiro. Depois, o brilho suave do vidro. “Esse espelho mostra a alma, não o rosto”, dizia o velho, sorrindo com poucos dentes.

O duque não hesitou. Comprou o espelho, envolveu-o com cuidado e, embora não tivesse ideia do porquê, soube que não era para si mesmo — mas para a mulher do sonho.

Personagens

Adrian Hargrove - Duque de Rutherford



da elegância impenetrável, há um homem em ruínas. Um passado de decisões amargas o persegue, e a esperança de redenção parece inalcançável... até que ele a vê.

Sylvia - Senhorita Seymour

Criada longe dos salões, conheceu a miséria antes de saber o que era um vestido próprio. Carrega cicatrizes invisíveis de fome, de perdas, de uma infância entre sombras e portas fechadas. Agora, sob a proteção da Condessa-viúva de Ashford, ela tenta encontrar seu lugar num mundo que não foi feito para recebê-la. Sua inteligência é discreta, sua força é silenciosa, e seu coração... começa a correr perigo desde que os olhos do duque pousaram sobre ela.



Lady Charlotte Seymour



Charlotte Ashford chega como quem traz o sol nos braços — ou, talvez, um pequeno cão chamado Lorde Finn. Com seus cabelos de cobre em ondas vivas, sardas delicadas e olhos azul-esverdeados sempre ansiosos por descobrir o mundo. Entre uma xícara de chá e planos para a próxima estação, sonha com liberdade, amores sinceros e sobremesas de baile — ainda que, por ora, seus vestidos bonitos visitem mais a sala de costura do que os salões da aristocracia.

Edward Seymour - Conde de Ashford

Com cabelos ruivos revoltos e sardas salpicadas como constelações sobre a pele clara, ele carrega o mesmo sangue dos heróis que erguem castelos, mas os olhos... os olhos são de quem lê pessoas, não apenas livros. Calmos, atentos, quase melancólicos — como se em cada conversa ele procurasse algo que o mundo insiste em esconder.

Não há ostentação em Edward. Sua imponência é outra: está na gentileza ao servir o chá à mãe, na reverência feita com precisão ao cumprimentar as damas, na forma como se cala para ouvir.



Benjamin Hargrove

Um sarcástico incurável, é capaz de rir até quando está sendo mordido por um cãozinho aristocrata — e isso não é metáfora.

Benjamin, com seu humor ligeiro e espírito leve, é também observador, leal e de uma sensibilidade que disfarça sob camadas de zombaria fraterna. Ele percebe o que o irmão sente muito antes que Adrian diga uma palavra. Reconhece o tremor nas mãos de Charlotte, a hesitação nos olhos de Sylvia, e camufla seu cuidado com gracejos.



Eugenie Hargrove - Duquesa-viúva de Rutherford



Lady Hargrove, a duquesa-viúva de Rutherford, tem o olhar de uma águia e a língua de um general. Suas joias cintilam menos do que seus comentários ferinos, e sua missão é clara como a prata de sua prataria: ver seus filhos casados, a linhagem preservada e a sociedade devidamente vencida. E se ameaça casar o duque com uma marquesa excêntrica e seus sete gatos, é apenas porque ama o filho... e conhece as consequências de esperar demais para jogar a carta certa.

Lavinia Seymour - Condessa-viúva de Ashford

Lady Ashford, a condessa-viúva de Ashford, caminha entre tapeçarias antigas como quem carrega a história nos ombros e o futuro entre os dedos. Seus olhos sabem decifrar uma mentira antes que ela seja pensada; seu coração, no entanto, insiste em acolher mesmo os que chegaram com os bolsos vazios de nome.

Firme como a xícara que segura sem jamais derramar e terna como o abraço que ofereceu a Sylvia sem palavras, ela é um farol no nevoeiro de escândalos e convenções.



Agnes Lennox - Marquesa-viúva de Thornwyck



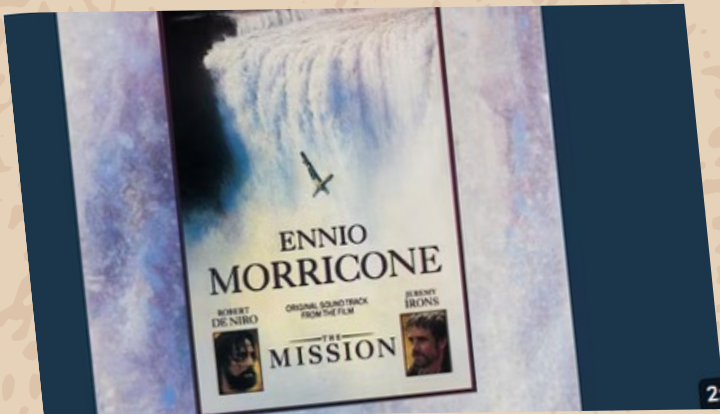
Lady Lennox não carrega o peso do luto como as outras; ela o transformou em franjas, flores bordadas e filosofias felinas. Dona de um riso leve e de um exército de gatos que atende por nomes mais aristocráticos que certos lordes, ela é o sopro de vento que abre janelas em casas onde as cortinas foram fechadas por mágoas antigas.

Sua casa, Thornwyck Hall, é território neutro — mas jamais entediante.

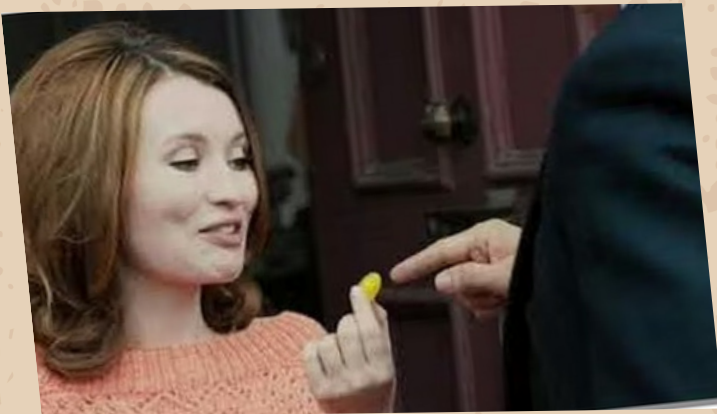
Pritha sonora



Time Lies (Ludus)
Sleeping At Last



Morricone conducts Morricone: The
Mission (Gabriel's Oboe)
Gautier Capucon



Whitout You
Lana Del Rey

A Dama DOS
MEUS Sonhos

AMORES DE RICHMOND

CECÍLIA HARTWELL

Extras

Rutherford Hall, Richmond, janeiro de 1845.

O corredor estava silencioso quando Sylvia fechou a porta do quarto das crianças. Richard dormia tranquilo, a febre finalmente cedia. Ela suspirou, aliviada, e ajeitou o xale sobre os ombros.

Mas, ao empurrar a porta de seus aposentos, encontrou o duque de Rutherford encostado na moldura da cama, já sem o casaco e o colete, as mangas arregaçadas, o olhar escuro brilhando à luz das velas.

— E então, Milady — disse ele, num tom rouco, quase preguiçoso —... o herdeiro está seguro. O que significa que, finalmente, você é toda minha.

Ela arqueou as sobrancelhas, mas não conseguiu disfarçar o arrepio que a percorreu.

— Eu só fui verificar...

— Já verificou — interrompeu, aproximando-se com passos lentos. — Agora quem vai ser verificada é você.

Antes que Sylvia pudesse responder, Adrian a tomou pela cintura e a puxou para junto de si, a boca esmagando a dela num beijo exigente, voraz, que roubou todo o ar de seus pulmões.

O xale caiu no chão. Ele deslizou as mãos pelo vestido dela, subindo a saia com brutalidade deliciosa, até encontrar a pele nua das coxas.

— Está gelada, amor. — A voz dele soou como um rosnado contra sua boca. — Precisa que eu aqueça cada pedaço seu.

Sylvia arfou quando os dedos dele encontraram o calor escondido entre suas pernas. O toque foi firme, lento, explorando até arrancar dela um gemido contido.

— Adrian... as crianças...

— Dormem. — Ele a ergueu nos braços, levando-a até a cama como se fosse leve demais para ser real. — Mas você não vai dormir tão cedo.

Deitou-a sobre os lençóis, desfazendo-se das próprias calças com movimentos ágeis. O peito largo e marcado pelo desejo se inclinou sobre ela, e Sylvia estendeu as mãos para tocá-lo, mas ele as prendeu acima da cabeça.

— Não, duquesa. — Ele sorriu, feroz. — Hoje você vai só sentir.

O corpo dele desceu, a boca explorando sua garganta, depois os seios, mordendo um mamilo até que ela gemesse, sem pudor, pedindo mais.

Ele alternava entre a crueldade e a devoção: sugava, mordia, depois lambia como se cada centímetro fosse sagrado.

— Você é minha perdição — murmurou, antes de descer ainda mais, afastando com as mãos decididas o tecido que atrapalhava seu caminho.

Quando a língua dele a tocou, Sylvia mordeu o lábio para não gritar. Mas Adrian ergueu os olhos, faminto.

— Grite. Quero que este maldito condado saiba que você é minha.

Ela gemeu alto quando ele a penetrou com a língua, explorando-a como um homem que conhece todos os segredos da luxúria. As mãos dela se prenderam aos lençóis, e o corpo tremia sob a fúria daquele prazer.

— Adrian... eu vou... —

Ele se afastou no instante exato, cruel, deixando-a à beira do abismo. Subiu sobre ela, posicionando-se entre suas pernas abertas. O membro rígido roçou contra sua entrada úmida, e ele sorriu, sádico e apaixonado.

— Vai gozar, sim. Mas comigo dentro de você.

E a penetrou num só movimento fundo, arrancando dela um grito que ecoou contra as paredes. Ele se moveu com estocadas firmes, rápidas, cada investida arrancando dela mais do que prazer — era rendição, era fogo.

— Diga meu nome — ele exigiu, os dentes cravando no ombro dela.

— Adrian! — Sylvia quase chorou de prazer, as pernas se fechando ao redor dele, puxando-o ainda mais fundo.

O ritmo ficou selvagem, possessivo. O som dos corpos unidos enchia o quarto, misturado aos gemidos dela e aos grunhidos dele. Até que ela se arqueou, dominada pelo prazer, gritando o nome dele como se fosse o único no mundo.

Adrian se derramou dentro dela logo depois, com um rosnado de vitória, esmagando os lábios contra os dela em um beijo desesperado.

Por um longo instante, ficaram imóveis, respirando juntos, o calor ainda pulsando entre seus corpos colados.

Ele deslizou os dedos pela face dela e sorriu, malicioso.

— Vá até o quarto das crianças quantas vezes quiser, amor... Mas nunca se esqueça: quando voltar... vai ser recebida assim.



Kindle

Prólogo

New Burlington Place, Londres, 28 de junho, final da temporada social de 1845.

Londres sufocava em sua própria elegância: o ar abafado e raro fazia as moças abanarem seus leques com rapidez. Era o fim da temporada, e a primavera se despedia aos poucos, dourando telhados e vestidos com o tom melancólico de tudo o que está por acabar.

Em contrapartida, como se já fosse verão, Lottie caminhava em destino a Savile Row com o coração quente e passos decididos. As luvas em tom creme apertadas entre os dedos e a mente vagando, como sempre.

Vagando mais do que ela própria queria admitir.

Bernadete, fiel e contrariada, a seguia com o chapéu torto e uma expressão de quem se sente sequestrada por uma jovem obstinada demais para o seu tamanho.

— Lady Charlotte, por que é que não viemos de carruagem mesmo? — Acima de tudo, era audaciosa.

— Porque o dia está lindo, porque tenho duas pernas que estão cansadas de ficar paradas, porque li em algum lugar que se exercitar é bom. — Ela olhou para a criada com um atrevimento no olhar. — Algo mais, Bernadete?

— Lady Charlotte, a modista... — começou a criada, olhando o relógio miúdo, preso por uma corrente delicada ao bolso de seu vestido, com uma angústia sincera. —

Vamos nos atrasar.

— Ainda temos quinze minutos e a Savile Row já é a próxima. — Ela olhou para o relógio à porta de um estabelecimento. — Além do mais, Madame Lenoir sempre se atrasa comigo... não faz mal que me espere um pouco apenas hoje.

Foi então que ela o viu.

Benjamin.

E por um instante — apenas um rápido e fugaz instante — o mundo pareceu se inclinar para o lado dele. Saindo de uma carruagem discreta, o chapéu abaixado até sombrear os olhos, entrando por uma porta pintada de verde. Ninguém o acompanhava. Ninguém o vira. Ninguém... exceto ela. E ele... ele carregava um embrulho bonito — bem-feito, amarrado com fita vermelha, daquelas que jamais embrulhariam algo banal.



Seu coração, traidor, deu um salto. Os pés se recusaram a dar o próximo passo, como se estivessem cimentados ali. Os lábios dele vieram-lhe à memória, junto ao som grave da voz sussurrando ironias, o toque das mãos nas costas do vestido enquanto dançavam, o calor dos braços que a seguraram no Hyde Park quando ela quase tropeçou... E, por fim, aquele cheiro. O cheiro de menta que ele cismava em mascar vez ou outra, quando a encontrava fresca ao passar pela cozinha.

Charlotte piscou, tentando afastar a miragem. Mas não era miragem. Tampouco coincidência. Era Benjamin, e ele estava entrando pela porta pintada de verde com o andar seguro dos que conhecem o caminho a percorrer.

Ela sentiu como se estivesse vendo algo que não deveria. Como se tivesse aberto, por engano, a última página de um livro que ainda não terminara. Como se tivesse descoberto o final de uma história que ela nem sequer sabia como havia florescido.

— Quem mora ali? — perguntou ela, parada no meio da calçada.

Bernadete arregalou os olhos.

— Ora, Lady Char...

— Quem? — Mais enérgica dessa vez.

A criada olhou a casa, mordeu o lábio.

— Não me lembro. Estou tentando, mas... nada me vem à memória.

Charlotte olhou de novo a porta. Uma casa sem placas, sem criados na entrada, com flores frescas nas jardineiras. Janelas abertas, mas cortinas fechadas. Misteriosa o bastante para acender dentro dela o que nem mesmo havia sentido ao caminhar pela calçada do Clube Marlowe por engano, certa vez. Curiosidade. Uma curiosidade que lhe nascia nas entranhas e fazia as mãos formigarem.

Mas a inquietação não vinha da fachada, vinha de dentro dela. Como se a porta verde abrisse também uma fresta na própria coragem, nas próprias certezas.

Tocou a aba do chapéu e olhou ao redor. Seus olhos alcançaram uma casa de chá de onde ela poderia ver quem entrasse ou saísse por aquela maldita porta verde.

— Vamos comer um bolinho — ela afirmou e apontou a entrada da casa de chá.

— Por todos os santos, senhorita, Madame Lenoir...

— Mudei de planos. Escreverei um bilhete aqui mesmo, deixe apenas que o garçom me apareça aqui com papel e tinteiro. Escreverei como se estivesse presa em um compromisso.

— E está?



— É claro que estou. — Ela arregalou os olhos para a criada. — Não viu que Benjamin entrou ali?

— Eu vi, mas eu não...

— Esqueça, Bernadete. — A criada não entenderia mesmo. — Vamos apenas comer um bolinho e tomar chá.

Ainda com os olhos fixos na porta, Lottie se lembrou: os lábios de Benjamin entreabertos, úmidos. O gosto da língua dele, que invadia sua boca como se dominasse aquele território. Ensinando-a. Mostrando a ela o que um simples beijo podia fazer com o corpo de uma mulher.

A lembrança não era romântica. Era física. Quase cruel. Como se o próprio corpo zombasse dela por se lembrar.

Aquilo nunca, jamais deveria ter acontecido. E agora parecia que jamais seria esquecido.

Sentaram-se junto à janela da casa de chá, com vista direta para a casa de porta verde. Charlotte pediu chá de bergamota e bolinhos amanteigados. O primeiro foi comido com a ansiedade de quem espera uma confissão. O segundo, com a inquietação de quem não quer ouvir o que imagina. O terceiro, com o desespero doce de quem se dá conta de que talvez tenha sido deixada para trás.

— Milady... já faz mais de uma hora. — Bernadete olhava para o relógio como quem consulta um oráculo.

— Não faz mal.

— Faz sim. Isso... não é próprio. Esperar por um cavalheiro...

— Benjamin não é qualquer cavalheiro — disse Charlotte, mas as palavras soaram frágeis demais, então achou por bem completar: — ele é meu... amigo.

— É por isso que está comendo o terceiro bolinho como quem mastiga o coração? Charlotte riu, um riso breve, aflito, sincero. Mas os olhos permaneciam fixos na casa de porta verde, como se de lá fosse sair o veredicto de uma temporada inteira.

Benjamin estava lá dentro.

O garçom se aproximou com a elegância discreta de quem sabe transitar entre damas de chapéus enfeitados e criadas em propriedades imensas.

— Posso lhe oferecer mais alguma coisa, Milady?

Charlotte ergueu o olhar, os olhos ainda cravados na porta verde, mas a voz saindo com toda a polidez que lhe restava.



— Sim. Três coisas, se não for incômodo.

— Pois não.

— Uma água com açúcar para a minha criada, que não sabe esperar... — disse, lançando a Bernadete um olhar mordaz, de olhos estreitos. — Um papel e uma caneta-tinteiro... E uma informação.

O garçom, habituado aos caprichos dos nobres, inclinou-se com gentileza.

— Qual seria?

— Quem mora naquela casa? — Apontou com o queixo, como se o gesto pudesse ser confundido com descuido. Mas cada músculo do pescoço estava atento.

— Ah... a senhora se refere à casa da porta verde? — disse ele, com um pequeno sorriso, como quem compartilha um segredo. — Madame Isabela. Uma viúva jovem... encantadora.

Lottie franziu o cenho. Primeiro, o nome. Depois, o adjetivo. Havia algo no modo como ele dissera “encantadora” que a fez apertar os dedos no guardanapo. Sentiu uma estranha pontada no peito, como se tivesse levado um empurrão súbito — só que de dentro para fora.

— Encantadora — repetiu, mais para si. E o gosto do terceiro bolinho perdeu toda a doçura.

Com gestos ágeis, mas dignos, pegou o papel e a caneta-tinteiro, escreveu um bilhete à Madame Lenoir com um pedido de desculpas e uma promessa de remarcar para a manhã seguinte. Dobrou o papel com força.

— Há um menino de recados ali fora. Entregue a ele — disse ao garçom. Depois, voltou-se para Bernadete. — Acomode-se. Ficaremos aqui por mais um tempo.

— Mas, Milady...

— Fique. Voltaremos de carruagem, prometo. — E seu tom não era zangado, mas de quem já estava ocupada demais tentando enxergar através das paredes da casa de porta verde.

Bernadete afundou na cadeira ao lado, cruzando os braços com resignação dramática.

Foi quando a porta verde se abriu.

Charlotte se endireitou como se levasse um puxão invisível na coluna. E, então, viu Benjamin.



Ele surgiu tranquilo, o passo despretenso de quem não carrega o peso do mundo — ao menos não o dela. Ao seu lado, uma mulher de beleza discreta, mas expressão viva. Talvez quarenta, talvez menos: olhos vivos, mãos leves... E foi com essas mãos que ela tocou o colarinho de Benjamin, como quem ajeita o detalhe de algo que já conhece de cor. Um gesto pequeno, íntimo, fatal.

Um riso leve, descontraído. Os dois sorriram, e os sorrisos diziam mais do que Charlotte queria entender.

Ela não conseguia desviar o olhar. Havia algo no modo como a mulher esticava o tecido com naturalidade, como se aquele toque já tivesse sido repetido inúmeras vezes — de manhãs preguiçosas a tardes secretas. Era o tipo de familiaridade que se conquista na ausência dos outros.

E foi nesse instante que o gosto do beijo lhe voltou à boca.

A língua de Benjamin, paciente e firme, explorando a dela com uma delicadeza perigosa. O arrepio que lhe percorreu a espinha. As mãos dele em suas costas, guiando-a, ensinando-a. E agora... agora eram outros dedos ali. Outro riso. Outra intimidade.

Pareciam amantes. Daqueles que se despedem ao meio-dia — depois de já dividirem o café, os lençóis e os segredos.

— Exatamente como nos livros — ela bufou, contrariada, como quem vira o final do romance antes da última página.

Levantou a xícara com gesto mecânico, mas ela estava vazia. Como ela. Levantou-se devagar, sem drama. O tipo de dignidade que vem quando o orgulho grita mais alto que o coração. E se tinha uma coisa que a movia desde que havia debutado, era o orgulho.

— Vamos para Weston House — disse para Bernadete. E não precisou dizer mais nada. — Tenho um baile para ir... e um marquês para conquistar.



Alguns minutos depois, Charlotte entrou em Weston House como um vendaval disfarçado de debutante. Mal notou os criados, subiu dois degraus, tropeçando não apenas na barra do vestido, mas na própria ansiedade.

Edward, sentado na saleta, fechou um livro ao perceber a irmã.

— Aonde foi? — perguntou com sua calma natural, mas os olhos atentos. — Está tudo bem?

Charlotte parou. Olhou para o relógio de carrilhão no centro da parede — como se ele pudesse dizer algo que seu coração ainda não soubesse. Depois, voltou-se a Edward com um meio sorriso.

O tique-taque era implacável.

Ela desejou, por um instante, que o tempo parasse ali. Antes da porta verde. Antes de Benjamin. Antes de tudo.

— Estou atrasada para o baile.

Ele franziu o cenho e disse:

— O quê? Ainda faltam horas.

Charlotte não respondeu.

Como responder quando nem ela sabia o que estava realmente sentindo?

Era dor, mas uma dor orgulhosa, que se disfarçava de pressa. Era ciúme, mas ela não tinha o direito.

Era perda, mas o que, afinal, havia sido dela?

— O que deu nela, Dete? — O conde questionou.

A criada deu de ombros. Podia ser teimosa como uma mula e lenta como um domingo chuvoso, mas era leal à Lady Charlotte. E, naquele momento, parecia entender que certas dores exigem silêncio.

— Prepare a banheira — disse Charlotte, já no andar de cima. — E pare de olhar para esse relógio, Bernadete. Ou vou me arrepender de tê-lo dado a você no último Natal.

A criada murmurou algo sobre só querer ser sempre pontual, mas já se dirigia aos aposentos da jovem.

No banho, Charlotte afundou até onde a água quente começava a arder levemente na pele — como se punisse cada lembrança. Fechou os olhos. Queria sumir. Evaporar junto com o vapor que embaçava os espelhos, os sentidos, as certezas.



Ali, sob a superfície, tudo parecia suspenso: o som, o tempo, o orgulho ferido. A água a envolvia como um manto denso, capaz de apagar não só o toque de Isabela no colarinho de Benjamin, mas também o beijo entre a própria Charlotte e ele, escondidos na sala de música, o arrepio involuntário, a lembrança do gosto de menta.

Ela mergulhou mais uma vez e, quando emergiu, com os cabelos colados à testa e o rosto ruborizado pelo calor, sentiu que algo havia ficado lá embaixo. Não o amor — esse ainda estava entranhado demais —, mas a ingenuidade. Aquela expectativa tola de escolher alguém sem precisar lutar, como se fosse natural, como se estivesse escrito.

Ela mergulhou mais uma vez, como quem tentava afogar o próprio nome que ecoava por dentro.

E foi entre bolhas e murmúrios que Charlotte tomou sua decisão: aceitaria a corte do marquês. Entraria na reta final da temporada como se só agora entrasse em cena.

Maquiada, penteada e blindada.

A cada brinde, um passo adiante.

A cada valsa, um adeus disfarçado.

E deixaria Benjamin Hargrove exatamente onde ele escolhera estar: no papel de amigo.

Já vestida, os cabelos ainda úmidos e o olhar turvo, Charlotte se sentou no divã junto à janela. Lorde Finn pulou em seu colo com a leveza de um minilorde. — E você? — perguntou a ele, com um suspiro cansado. — Eu o tenho deixado muito sozinho, não é mesmo?

O cão apenas a encarou, a língua de fora, como se concordasse com ela — e a amasse ainda assim.





kindle

Extras



Roubamos algumas páginas
do diário secreto de
Charlotte e só você - sim, só
você - terá acesso às
confissões proibidas dela.
Prepare-se para ler o que
uma dama jamais admitiria
em voz alta.



*Ele me irrita, me
provoca... e, ainda
assim, é nele que
penso antes de dormir.*

C. C. Seymour



Ele é um caos que
me consome, e eu não
sei se quero ser
salva.

C. C. Seymour



Uma lady não
deveria desejar ser
dominada. Mas eu
desejo.

C. C. Seymour

As vezes, penso que o
destino se diverte comigo -
colocando exatamente o
homem errado no meu
caminho.

C. C. Seymour



Eu não deveria sonhar com
o beijo dele... e, ainda
assim, acordo molhada com
sua lembrança.

C. C. Seymour

Mas se você acha que todo
segredo está escrito em
diários... cuidado!!
Alguns têm patinhas, orelhas
grandes e olhos atentos.
Lorde Finn viu mais do que
deveria — e resolveu confessar
sua travessura.



Vocês acharam mesmo que foi acaso? Eu, correndo feito um enlouquecido atrás de Lady Chérie e Duquesa Miúda?

Tolice. Aquilo foi um plano. Um complô cuidadosamente costurado entre patas e garras. Não foi fácil convencê-las, acreditem. Duquesa Miúda exigiu solenidade: só aceitaria se eu jurasse nunca mais perseguir seu rabo cinzento em troca de seu talento dramático. Lady Chérie, mais vaidosa, exigiu que eu reconhecesse publicamente que seus saltos felpudos eram dignos de qualquer bailarina da corte.

E eu aceitei, é claro. Fiz um juramento canino: não correria atrás delas de verdade, nunca mais. Um pacto de honra.

Tudo em nome de uma missão maior: testar aquele tal de Benjamin Hargrove. Eu já tinha visto o jeito atrevido como ele olhava para a minha humana. •• E ninguém chega perto de Lady Charlotte sem a minha aprovação. Se ele saiu mordido, arranhado e afundado na lama... bem, digamos que foi apenas a primeira prova.

Uma iniciação.

Um recado claro: desde o início, eu, Lorde Finn, estava de olho nele.



Cena Extra



A Lema DO
MEU *Destino*

AMORES DE RICHMOND



Farnham, primavera de 1847.

A primavera fazia questão de ser notada em Halebridge Court.

Benjamin caminhava ao lado de Charlotte com a sensação incômoda de que a paisagem estava zombando dele. As macieiras não tinham frutos — ainda —, mas estavam carregadas de flores, densas demais, espalhando pétalas ao menor vento.

Promessas por toda parte. Nenhuma urgência. Aquilo o irritava um pouco. As lavandas, plantadas meses antes sob a orientação meticulosa de Lady Lennox — que depois retornara para sua vida distante e organizada —, agora floresciam com convicção própria. Não precisavam mais de supervisão. Estavam ali, vivas, insistentes, perfumando o ar como se lembrassem a todos que o tempo passava mesmo quando ninguém tinha tempo para percebê-lo.

Charlotte caminhava com a cesta apoiada no braço, o passo menos tenso do que vinha tendo havia semanas. Ainda assim, havia cansaço nos ombros, no jeito de respirar, na maneira como o silêncio se instalava entre uma frase e outra. — Fomos expulsos — disse ela, sem drama, como quem constata um fato doméstico incontestável.

Benjamin soltou um suspiro curto, quase rindo.

— Escorraçados — corrigiu. — Com logística impecável.

— Emma nem fingiu delicadeza — continuou Charlotte. — Uma manta, uma torta... e a porta.

— E aquele olhar — completou ele. — O que dizia “voltem quando lembrarem quem são”.

Charlotte balançou a cabeça, divertida.

— Ela ficou com Conrad no colo e ainda teve a audácia de nos desejar um bom passeio.

— Um bebê no braço e autoridade absoluta na voz — disse Benjamin. — Impressionante.

— Eu tentei argumentar.





— Você não disse nada! — retrucou ele.

Ela sorriu de canto.

— Ela parecia firme demais para discutir com alguém que dorme em turnos aleatórios.

Benjamin riu, baixo.

— Confesso que esse passeio forçado me parece... providencial.

Charlotte virou o rosto para ele.

— Você percebe que, nas últimas semanas, a gente só fala em horários, choro e quantas horas alguém conseguiu dormir?

— Sim — respondeu ele. — E mesmo assim, falamos disso com entusiasmo suspeito.

— Isso é o que mais me assusta.

— A mim também — disse Benjamin, estendendo a mão para tocar a dela. — Mas ainda conseguimos zombar um do outro. Acho que é um bom sinal.

Charlotte apertou os dedos dele de leve.

— Sobrevivemos ao pior turno da madrugada. Vamos sobreviver a um passeio.

Benjamin sorriu. Um sorriso cansado, verdadeiro.

— Com torta — acrescentou.

Ela riu. Um riso fácil, quase esquecido.

E aquilo, ainda assim, acertou Benjamin em cheio.

Eles caminharam mais um pouco, até que a casa deixou de ser uma possibilidade concreta e passou a ser apenas uma lembrança conveniente. O terreno ali caía suavemente, protegido por árvores antigas, o tipo de lugar onde o mundo parecia ter sido esquecido por escolha.

Benjamin sentia o corpo reaprender a existir fora do ritmo doméstico: sem ouvir choros imaginários, sem calcular horários, sem o peso constante da responsabilidade colada à pele. Amava o filho com uma intensidade absurda — mas estava cansado.

Profundamente cansado.





E Charlotte também estava. Ele via isso no jeito como ela respirava fundo, como se o ar tivesse voltado a caber nos pulmões. No modo como o ombro relaxava, como o corpo parecia menos vigilante.

— Você está bonita hoje — disse ele, antes que pudesse filtrar.

Charlotte virou-se devagar.

— Hoje?

— Especialmente hoje — corrigiu, com honestidade suficiente para não soar como defesa.

Ela arqueou a sobrancelha.

— Isso é tentativa de sedução ou observação clínica?

— Pedido de socorro — respondeu. — Estou com saudade de você. De nós.

Ela não riu dessa vez.

Parou de andar, pousou a cesta no chão e estendeu a manta com calma excessiva, como quem adia algo inevitável. Benjamin observou cada gesto, reconhecendo o padrão. Aquilo não era improviso. Era decisão.

— Estamos longe o bastante — disse Charlotte, sem encará-lo.

— De casa? — perguntou ele.

— De sermos interrompidos.

Benjamin se sentou primeiro, apoiando-se nos cotovelos, o corpo já respondendo antes da mente. Charlotte se acomodou diante dele, cruzando as pernas, o vestido se abrindo um pouco além do necessário. Ele sentiu um calor subir lento, familiar, inevitável.

— Eu amo nosso filho — disse ela, de repente.

— Eu sei.

— Mas sinto falta de quem eu era com você.

Ali estava. Clara. Sem adorno.

Benjamin estendeu a mão e puxou-a para mais perto, até que os joelhos se tocassem.





— Eu também — disse, baixo. — E sinto falta do que você faz comigo quando não estamos exaustos demais...

Então a beijou. O beijo veio firme, sem pressa, carregado de reconhecimento. Charlotte levou a mão à nuca dele, os dedos firmes, e Benjamin rosnou contra a boca dela, sem vergonha alguma. O mundo podia esperar. Sempre podia.

A cesta ficou de lado, esquecida. A torta, por ora, não era prioridade.

— Faz quanto tempo que a gente não fica assim? — ela perguntou, olhando para ele, o tom leve demais para ser casual.

— Assim como?

Ela não respondeu. Apenas se inclinou e o beijou outra vez.

Não foi um beijo cuidadoso, como o primeiro. Foi quente, insistente, como se Charlotte estivesse tentando recuperar algo à força — ou lembrá-lo de que ainda sabia exatamente como fazê-lo perder o raciocínio. A boca dela se movia com uma intensidade que o fez rir contra os lábios dela antes que pudesse se conter.

— Eu não sei se agradeço... — murmurou, entre um beijo e outro — ...ou se começo a ficar preocupado.

Charlotte sorriu contra a boca dele, sem diminuir o ritmo.

— Você devia estar agradecido.

— Estou — respondeu ele. — Mas você está tentando me devorar.

— Faz tempo que a gente não se ama sem pressa — disse ela, finalmente afastando-se o bastante para olhá-lo. Havia verdade ali. E desejo. Uma combinação que sempre o desmontara. — Sem relógio. Sem alguém chamando. Sem fraldas para trocar. Benjamin passou a mão pelo rosto dela, o polegar acompanhando o contorno do maxilar.

— Nós podemos ser vistos — lembrou, embora o corpo dele estivesse claramente menos preocupado do que a razão.

Charlotte riu, um riso curto, confiante.





— Esse é o lado bom de ter poucos e bons criados. — Inclinou-se um pouco mais perto. — Emma me garantiu que, se caminhássemos a sudeste, não seríamos vistos em hipótese alguma.

— Emma garantiu — repetiu ele, arqueando a sobancelha.
— Com convicção. — Charlotte sorriu. — A menos que um esquilo resolva nos espiar. Benjamin riu de verdade dessa vez, o som escapando sem defesa. Puxou-a para mais perto, sentindo o corpo dela se ajustar ao dele com uma naturalidade que ainda o surpreendia, mesmo depois de tudo.

— Sempre confiável, sua criada.
— Extremamente — respondeu Charlotte, antes de beijá-lo outra vez, mais devagar agora, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Benjamin fechou os olhos, administrando o pouco autocontrole que ainda lhe restava. O cheiro das lavandas, o calor do corpo dela, o riso recente ainda vibrando no peito. Não havia pressa. Não havia culpa. Só eles dois, finalmente lembrando que ainda sabiam exatamente como se encontrar.

E, apaixonado como sempre fora — talvez mais —, ele pensou que não trocaria aquele momento por nenhuma promessa futura.

Nem mesmo pelas mais bem-intencionadas.

— Você sabe que... se continuar assim...

Então ela parou. Parou e puxou as saias do vestido, sentando-se sobre ele, encaixando-se ao marido como há muito não conseguia fazer.

As mãos dela pousaram em seus ombros como quem reivindica território conhecido.

Ele soltou o ar num riso curto, quase incrédulo.

— Você faz isso como se tivesse ensaiado...

— Eu ensaiei — respondeu ela, inclinando-se até que a boca estivesse perigosamente perto da dele. — Mentalmente. Muitas vezes.





Benjamin passou as mãos pela cintura dela, subindo com calma, sentindo o corpo que conhecia melhor do que o próprio. Charlotte não tinha pressa. O movimento dela era lento, deliberado, como se quisesse que cada segundo fosse sentido — não apenas vivido.

— Você percebe o que está fazendo comigo? — murmurou ele, a voz mais baixa, menos controlada.

Charlotte sorriu contra a boca dele.

— Percebo. — E se moveu um pouco mais, o suficiente para fazê-lo fechar os olhos. — É exatamente por isso.

Benjamin a segurou com mais firmeza, os dedos marcando presença, ancorando-se nela como quem finalmente encontra chão. O corpo reagia sem pedir permissão; a mente, rendida, já não tentava comandar nada.

Ela se inclinou, a testa encostando na dele, a respiração quente demais para ser ignorada.

— Não temos pressa — sussurrou Charlotte. — Pela primeira vez em muito tempo... E enquanto o mundo seguia distante — esquilos incluídos —, Benjamin deixou que o tempo se dissolvesse no ritmo dos dois, no encaixe conhecido, no amor que não precisava mais provar nada.

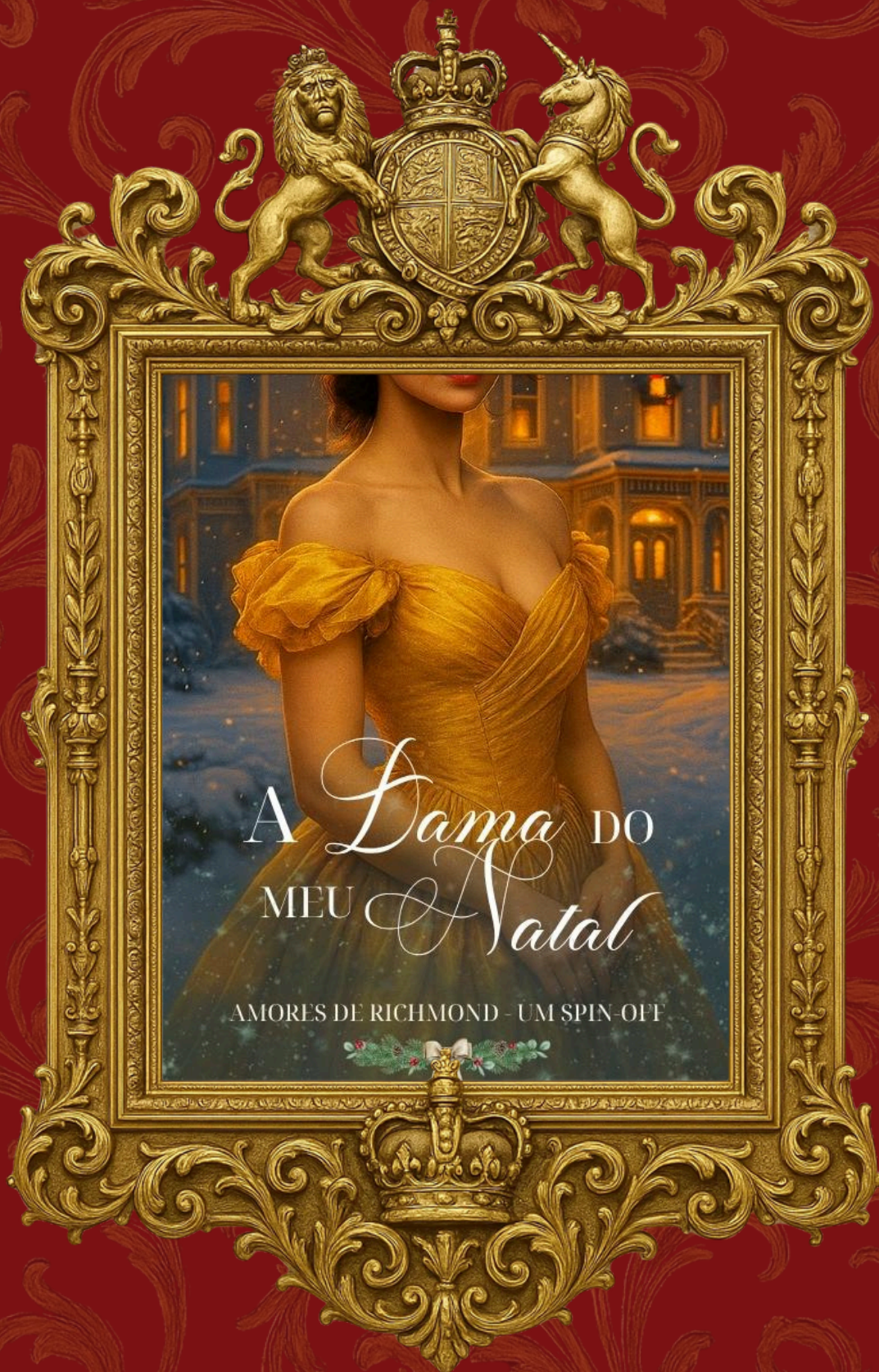
Ali, sob o céu aberto e entre promessas em flor, eles não eram pais cansados nem adultos responsáveis.

Eram apenas Charlotte e Benjamin.

E isso bastava.



Cena Extra



*A Dama DO
MEU Natal*

AMORES DE RICHMOND - UM SPIN-OFF

Stonemere Abbey, verão de 1850.

Rudolph estava deitado de lado sobre a manta, atento a cada movimento mínimo ao redor. Não por ansiedade — isso ele aprendera a abandonar —, mas porque Bramm dormia apoiado em seu braço, pequeno demais para ser esquecido por um segundo. O menino tinha apenas seis meses, o rosto ainda indefinido, como se estivesse em permanente decisão sobre quem viria a ser. Respirava curto, regular, e o peso leve contra o antebraço de Rudolph era suficiente para mantê-lo imóvel.

Valentina dormia a poucos passos dali, com seus quase três anos, o corpo abandonado sem cerimônia. Uma perna caída para fora da manta, os dedos sujos de bolo, o cabelo fino e escuro colado à testa. Tão pequena e ainda assim já ocupava espaço no mundo. Bernadete estava recostada, com as costas apoiadas na dobra da manta, observando as crianças com aquele olhar que ele aprendera a reconhecer como vigilância disfarçada de descanso. Havia frutas partidas, pão já meio amassado, um bolo faltando um pedaço irregular. Nada organizado. Nada que precisasse realmente estar organizado.

— Quando eu era menino — disse Rudolph, em voz baixa, sem pensar muito antes de começar —, eu tinha certeza absoluta de que sabia nadar.

Bernadete virou o rosto para ele, os olhos imediatamente atentos.

— Isso nunca é um bom sinal...

— Não é. — Ele quase sorriu. — Devia ter uns oito anos. Desci até o lago escondido.

Pulei como se fosse natural. Como se alguém tivesse me ensinado.

Ela levou a mão à boca quando riu, rápida demais. O som escapou antes do controle.

— Bernadete... — murmurou ele, apontando com o olhar para Valentina. — Se ela acordar... será o seu turno.

— Eu sei, eu sei... — respondeu ela, agora sussurrando. — Continue.

Rudolph ajustou o braço com cuidado, sentindo Bramm se remexer um pouco antes de voltar ao sono. Só então prosseguiu.

— Afundei. Simples assim. Sem drama. Afundei porque não sabia o que estava fazendo.

— Ele fez um gesto pequeno com a mão. — Fiquei furioso. Mais pelo vexame do que pelo susto.





— Imagino você — murmurou ela —, convencido demais para ter medo.

Rudolph sorriu de lado.

— Era exatamente isso.

Ela olhou para Valentina, caída sobre a manta, e depois para Bramm, respirando contra o braço dele.

— E ainda assim, sobreviveu.

— Sobrevivi — confirmou. — Por pura sorte.

Bernadete não respondeu. Apenas apoiou a mão sobre a dele, ali onde o braço sustentava o filho.

Rudolph deixou a história morrer ali. Não precisava de conclusão.

A única coisa que era realmente necessária naqueles dias era aquilo: ele, Bernadete, as crianças e o lago. A paz e a tranquilidade que o lugar trazia aos filhos, que eram agitados por natureza e estavam sempre em movimento.

O visconde ergueu o olhar quando percebeu movimento do outro lado do campo. Reconheceu Satine antes mesmo de distinguir o vestido claro entre o verde vivo da grama — caminhava como sempre caminhara, decidida demais para alguém que dizia não ter pressa alguma. Annele vinha logo atrás, alguns passos mais contidos, segurando a sombrinha que mantinha a irmã dele protegida do sol.

Então ele se moveu com cuidado, ajeitando Bramm antes de se levantar. Só depois de garantir que o menino continuava dormindo é que se afastou da manta.

Satine sorriu ao vê-lo, um sorriso curto, prático. Não havia lágrimas nem solenidade no rosto dela. Ainda assim, quando Rudolph a envolveu num abraço, foi com mais força do que pretendia. Apertou-a contra o peito, como se o corpo pudesse compensar o que as palavras não alcançavam.

— Rudolph — disse ela, rindo, meio sem fôlego. — Eu só vou viajar. Não estou morrendo.

Ele não respondeu de imediato. Afrouxou o abraço apenas o suficiente para olhar o rosto dela.

— Não diga esse tipo de coisa.





— Você sempre exagera — replicou Satine, com doçura firme. — Londres não fica no fim do mundo.

Bernadete se aproximou, então, levantando-se da manta com cuidado para não acordar Valentina. Abraçou a cunhada com calma, demorando-se um pouco mais do que o protocolo pedia.

— Você vai ser feliz lá — disse, sem entusiasmo performático, como quem afirma algo em que já decidiu acreditar. — Eu sei disso.

Satine soltou uma risada curta.

— Tão feliz quanto uma velha solteira pode ser, imagino.

Rudolph franziu a testa de imediato.

— Você não está velha.

Ela inclinou a cabeça, avaliando-o com aquele olhar que sempre o desmontava.

— Estou, sim. — Deu de ombros. — Mas está tudo bem. Eu não me importo com muita coisa além de vocês, então a idade perde um pouco da importância.

Bernadete sorriu de lado, um sorriso que não contradizia nem consolava.

— Londres vai ser gentil com você — disse apenas.

Satine segurou as mãos dela por um instante, depois olhou para a manta estendida perto do lago, para as crianças dormindo sem saber de despedidas.

— Vocês construíram algo lindo aqui — comentou. — E fico feliz por fazer parte disso...

Rudolph acompanhou o olhar da irmã. Sentiu o peso familiar daquela constatação — não como cobrança, mas como reconhecimento. E, pela primeira vez, não teve vontade de se justificar.

— Eu a amo, Satine — disse.

Satine assentiu e levou a mão direita ao rosto do irmão. Era o suficiente.

Annele pigarreou discretamente, lembrando-os do tempo. Satine respirou fundo, como quem marca mentalmente um momento antes de guardá-lo no coração, e então deu um passo para trás.

— Eu escrevo — prometeu, já com o meio sorriso de quem certamente escreveria muito.





— Não suma — disse Rudolph.

— Não pretendo — respondeu ela. — Só quero... mudar de cenário.

Então ela se abaixou perto da manta antes de ir, o movimento feito com cuidado, como o menor barulho pudesse acordar aqueles pestinhas que ela tanto amava. Ajoelhou-se primeiro ao lado de Valentina, tocando de leve a bochecha morna da menina, que se mexeu apenas o suficiente para franzir o nariz. Depois inclinou-se sobre Bramm e deixou um beijo breve na testa ainda lisa demais para guardar lembranças.

Ficou ali um segundo a mais do que pretendia, observando.

Havia algo nos dois — no formato da boca, talvez, ou naquele modo tranquilo de dormir — que lhe parecia inegavelmente familiar. Mais Rudolph do que Bernadete. Mais Stonemere do que qualquer outro lugar. Pensou nisso com uma ponta de certeza... e logo riu de si mesma. Talvez fosse apenas o amor. O hábito antigo de enxergar o irmão até onde ele talvez nem estivesse.

Levantou-se devagar.

— Cuidem-se — disse, simples, como se falasse de um passeio curto e não de uma ausência que começaria a contar semanas.

Bernadete a abraçou de novo, firme, sem frases que precisassem ser respondidas. Rudolph fez o mesmo logo depois, menos contido, como sempre. Satine aceitou, riu baixo, e não disse mais nada.

Não era uma mulher de despedidas longas. Não quando não havia necessidade delas.

Ela voltaria. Com certeza, voltaria.

O caminho de volta até a casa pareceu mais curto do que a vinda. Annele a aguardava perto da porta, a expressão neutra de quem já aprendera que mudanças não se comentam antes de acontecer. A carruagem estava pronta, os cavalos inquietos, o cocheiro sorria.

Satine subiu sem hesitar. Quando a porta se fechou e o veículo começou a se mover, ela não olhou para trás. Preferiu pensar em Londres, em Lady Lennox, em ruas cheias demais para permitir nostalgia prolongada.

Ainda assim, por um instante breve e silencioso, levou a mão ao colo vazio — como se ali também tivesse deixado algo.





Depois endireitou os ombros. Mudanças, afinal, eram novidades. E ela gostava de novidades.

Ainda assim, por um instante breve e silencioso, Satine levou a mão ao colo vazio. Não como quem lamenta uma ausência recente, mas como quem reconhece algo que nunca chegou a existir. Anos demais haviam sido passados entre paredes de convento, horários impostos, silêncios ensinados como virtude. Depois, outros tantos ao lado do irmão, adiando a própria entrada no mundo, recusando apresentações, bailes, expectativas que nunca lhe pareceram suas — até que o tempo, discreto e implacável, decidira por ela.

Satine sabia. Não com amargura, mas com clareza. A ideia de uma família própria — filhos, uma casa que fosse inteiramente sua — pertencia agora ao território das possibilidades encerradas. Não era injustiça. Era apenas a vida seguindo adiante sem pedir permissão.

E, estranhamente, isso não a entristecia como um dia imaginara que aconteceria. Havia outras formas de pertencer.

Fechando os olhos, ela se viu, com nitidez suficiente para sorrir, sentada à mesa de Lady Lennox em tardes longas demais para serem produtivas, a xícara esquecida enquanto conversavam sobre tudo e sobre nada.

Viu-se caminhando entre as lavandas da marquesa, as mãos manchadas de terra, ajudando sem ser necessária, presente sem ser exigida.

Não era o futuro com o qual havia sonhado um dia. Ainda assim, era um futuro. E, pela primeira vez, ela se sentia pronta para habitá-lo.





A Dama QUE
SEMPRE Amei

AMORES DE RICHMOND

CECÍLIA HARTWELL

Prólogo



Willowmere Cottage, litoral de Dorset, sudoeste da Inglaterra, janeiro de 1843.

O sangue sempre contou histórias que ninguém teve coragem de ouvir.

Os olhos dela estavam serenos — serenos demais para aquela hora da noite. O vestido creme com bordados amarelos caía sem pressa, bem costurado, elegante, como se tivesse sido feito para outra vida. Por cima, o avental branco, alvo e preciso, amarrado com a exatidão de quem havia aprendido a conter o caos.

A vela tremulava na mesa. A luz tocava-lhe o rosto com uma ternura indevida.

Então, os lábios — vermelhos.

Vermelhos como o sangue em suas mãos.

O líquido escorria devagar, formando uma poça generosa no colchão. O ar cheirava a ferro, a medo, a promessas antigas.

Lady Angeline não se moveu por um instante. Apenas respirou — fundo, deliberadamente — como quem precisa lembrar ao próprio corpo de que ainda está viva. Que ainda há uma árdua tarefa pela frente.

— Ela vai morrer, senhora? — murmurou uma voz atrás dela. Jovem, trêmula.

O olhar de Angeline não vacilou.

— Não esta noite — respondeu, enxugando as mãos num pano branco que logo deixou de ser branco. — Não enquanto eu puder mantê-la viva.

O olhar dela percorreu o pequeno cômodo, como se buscasse nas sombras algum vestígio de força. Mas não para si mesma.

As paredes eram de pedra bruta, o teto baixo, as janelas cobertas com panos grossos para conter o frio. Havia ervas penduradas em feixes, um balde de água tingido de rubro e, sobre a mesa, instrumentos simples — tesoura, panos, uma tigela de cerâmica. O cheiro era de suor e fumaça, e o silêncio só era quebrado pelos soluços curtos e gemidos da mulher jovem deitada na cama estreita.

Angeline apertou o lenço nas mãos e se aproximou. A vela tremulou mais uma vez, como se até o ar tivesse medo do que estava por vir.





E o vento... ah! o vento açoitava as janelas de madeira, tentando entrar, tornando cada minuto ainda mais suspenso.

— Respire, meu bem — disse ela, a voz firme apesar da exaustão. — Agora faça força... Ele... está vindo.

E, quando o grito do recém-nascido rompeu o silêncio, o vermelho, enfim, contou sua verdade: ali, onde tudo parecia morte, onde tudo parecia perda... havia vida.

A lady pegou a tesoura grande que repousava na mesa. As lâminas reluziram sob a luz trêmula da vela. Um corte preciso. Um som seco. O cordão, rompido.

Ela envolveu a recém-nascida num pano limpo e a entregou nos braços da mãe. A mulher soluçou — não de dor, mas de surpresa — ao sentir o peso quente e pequeno sobre o peito.

Angeline respirou fundo, deixando o ar escapar em um suspiro longo — o tipo de suspiro que devolve a alma ao corpo. A criança chorava com força, os pulmões pequenos provando ao mundo que haviam vencido.

Um sorriso quase imperceptível tocou seus lábios. O suor colava alguns fios de cabelo escuro à testa e, pela primeira vez em horas, ela se permitiu olhar pela janela para verificar se a tempestade a prenderia ali ou não.

Pelo canto do olho, ela via a mãe, de olhos marejados, acolhendo o bebê contra o peito, soluçando baixinho e sorrindo para ele.

Angeline observou aquele primeiro encontro — o toque hesitante, o aconchego, o choro que virava riso — e sentiu um nó se formar em sua garganta.

O som do bebê preenchia o quarto com uma vida nova, vibrante. E, por um instante, ela pensou ouvir outro choro — distante, perdido no tempo — o de uma menina que também lhe pertencera.

O cheiro do sangue e das ervas desapareceu. Em seu lugar, o perfume doce de lavanda e o som das botas de Lorde Edmund sobre o piso de madeira.





Alguns anos antes...

O luar parecia se empenhar em ultrapassar a barreira das cortinas pesadas, lançando um brilho frio e fraco sobre o quarto. O cheiro metálico do sangue misturava-se ao de lavanda velha, e o som de um choro fraco cortava o silêncio como uma prece aflita.

Angeline estava pálida, o rosto encharcado de suor. O lençol sob ela era um campo de batalha — manchado, torcido, testemunha de horas de dor que lhe roubaram toda dignidade.

A criada, uma mulher idosa de mãos firmes, amparava-lhe a cabeça enquanto a nova vida finalmente se anunciava.

— Respire, Milady... mais uma vez, só mais uma... — dizia ela, com voz compassiva.

Angeline soltou um gemido abafado, o corpo arqueando sob o esforço final. E então — o som. O som que partiu o mundo em dois. Um choro fino, insistente, que parecia arrancar da terra a promessa de redenção.

Por um instante, tudo se dissolveu — a vergonha, o medo, o silêncio imposto. Ela pegou o bebê com mãos trêmulas, o coração disparado, os olhos marejados de incredulidade.

— Maddeline... — sussurrou, como se nomear fosse o mesmo que salvar.

A menina buscou o seio instintivamente. Angeline a acolheu contra o peito, o corpo exausto, mas inteiro pela primeira vez em meses. As lágrimas lhe corriam pelo rosto em silêncio — não as lágrimas de dor, mas de um amor que nascia junto com a criança.

E foi nesse exato momento que a porta se abriu.

Lorde Edmund entrou sem bater. O robe escuro, o rosto impassível, e a criada recuando com a cabeça baixa.

Ele olhou a cena — o bebê ao colo, o cabelo desgrenhado de Angeline, o lençol manchado — e um vinco de desgosto lhe crispou os lábios.

— Então, nasceu.





Angeline ergueu o olhar, os olhos marejados.

— Por favor... não a leve... — A voz era quase um sussurro rouco. — Ela é tudo o que tenho.

Edmund se aproximou com passos controlados.

— Ninguém lhe fará mal, minha cara. — As palavras eram frias, medidas. — Mas a menina não pode permanecer aqui.

— Por favor, eu imploro... — Ela apertou o bebê contra o peito, desesperada. — Eu cuido dela, faço tudo o que for preciso...

— O que é preciso — interrompeu ele — é que essa criança seja criada longe de murmúrios e escândalos. Já providenciei tudo. Uma carruagem partirá pela manhã para Eversley School, em Hampshire. É um colégio seguro, discreto, apropriado.

Ela chorou, balançando a cabeça, como se pudesse negar o inevitável.

— E eu? Quando poderei vê-la?

— Quando for uma mulher respeitável. — O olhar dele se endureceu. — Quando se casar com um homem de título e posses suficientes para sustentar o nome que carrega. Até lá, considere isto... uma oportunidade.

Angeline apertou o bebê, o pranto agora em soluços secos.

— Ela é minha filha...

— É uma criança ilegítima! Uma bastarda! E isso só a condenaria — respondeu Edmund, já estendendo os braços. — Estou oferecendo a chance de um futuro. Para ambas.

O silêncio que se seguiu foi mortal. A criada chorava baixinho no canto.

Angeline, sem forças, beijou o rostinho da menina — o último beijo — e entregou-a.

Maddeline foi levada nos braços dele, envolta em mantas brancas.

A porta se fechou com um som surdo.

E Angeline ficou ali, deitada, o peito vazio, o corpo tremendo.

Arrastou-se até a porta, encostou a testa na madeira fria e, num fio de voz, murmurou:

— Eu vou buscá-la... custe o que custar... — As lágrimas molharam o chão. — Eu juro, Maddie... eu vou me casar com um homem digno e vou trazê-la de volta.





A porta rangeu, trazendo-a de volta à realidade. O pai da moça surgiu, o chapéu apertado nas mãos calejadas. Os olhos úmidos buscaram a filha, depois repousaram em Angeline.

Por um instante, ele pareceu não encontrar palavras. Então, simplesmente ajoelhou-se diante dela.

— Milady... — A voz era rouca, quase um sussurro. — Não sei como agradecer. Antes que ela pudesse recuar, ele tomou-lhe as mãos ainda manchadas de sangue e as beijou com reverência tosca, mas verdadeira.

A lady corou, constrangida e comovida ao mesmo tempo. Tentou puxar as mãos, mas ele as manteve presas por um segundo mais.

— A senhora salvou a vida da minha filha... e trouxe minha neta ao mundo. — A voz dele ameaçou sumir de emoção. — Eu não tenho como pagar... mas, por favor, aceite umas sacas de trigo ou um pouco do mel da colmeia. É pouco, eu sei...

— Eu não aceito pagamento, senhor — respondeu Angeline, gentil, mas firme.

Ele sorriu, a expressão cansada iluminada por gratidão pura.

— Então leve como um presente — disse, insistindo, com os olhos marejados. — É tudo o que posso oferecer a quem Deus mandou pra nos salvar. Pra salvar minha filha.

Angeline hesitou, o coração apertado. Depois assentiu, tocando de leve o braço dele.

— Está bem. Um presente, então — murmurou, a voz serena. — E que a vida da pequena seja longa... e cheia de dias melhores que os nossos. E que ela nunca seja separada de sua mãe.

Ele assentiu, as lágrimas correndo livres.

E Angeline, por um instante, teve a sensação rara e simples de ter feito o bem... e ser perdoada por um mundo que, em outros tempos, só lhe mostrara crueldade.

A verdade é que aquela sensação se tornara seu único refúgio.

Havia meses — quase um ano, ela já não sabia ao certo — que sua vida se resumia a isso: casas humildes, camas estreitas, mulheres em desespero, o choro dos recém-nascidos ou o silêncio que o substituíra.





Era chamada de vila em vila, às vezes por carta, às vezes por um mensageiro a cavalo, outras apenas por um rumor — “a lady das parturientes”, diziam. E ela ia. Sempre ia. Não importava quantas horas precisasse se sacudir dentro de uma carruagem. Não importava que Mary, sua mais leal criada, dissesse que ela deveria descansar.

Carregava consigo um alforje de couro negro, a tesoura grande, as faixas de linho, o frasco de álcool, e uma coragem que não sabia mais de onde vinha. Heranças de sua amiga Martha Hale.

Limpando e guardando seus instrumentos, ela se lembrou de velha mulher que lhe ensinara tudo desde que se isolara em Willowmere Cottage. A mulher que havia enxergado em Angeline algo que nem ela mesma, por mais que passasse horas em frente ao espelho, conseguiria ver.

“Você tem mãos de quem nunca precisou lutar”, dissera-lhe Martha, certa vez. Mas tem olhos de quem perdeu tudo. Isso é útil. As mães precisam de quem saiba o que é perder.”

Os rostos das mulheres misturavam-se em sua memória como páginas de um mesmo livro: as que gritavam, as que rezavam, e umas poucas que morriam. Que morriam como Martha havia morrido, dois meses atrás.

Mas havia, em todas elas, algo que Angeline reconhecia com dolorosa ternura — a mesma solidão que um dia lhe tirara tudo.

E talvez por isso ela não conseguisse parar: porque em cada criança que respirava havia um eco do perdão que nunca recebera. Cada grito, cada lágrima, cada vida arrancada da morte era uma forma de negociar com o destino — e, quem sabe, arrancar dele um vestígio de misericórdia.

Porque cada mulher que sobrevivia a fazia acreditar, por um breve instante, que a dor podia se transformar em algo sagrado. E que, se existia redenção neste mundo, ela nascia assim: entre sangue, choro e respiração.

Então um leve ruído de saias arrastadas no chão de madeira rompeu o silêncio.





Angeline ergueu o rosto e viu, à soleira, uma senhora de porte digno, o xale escuro cuidadosamente cruzado sobre o peito.

Havia serenidade em seus olhos, mas também uma curiosidade antiga, como se já a conhecesse.

— A senhora... é a parteira — disse a mulher, com voz grave e pausada. — Eu a vi no inverno passado. Em Harrowfield. Ajudou minha nora a trazer ao mundo o pequeno Thomas.

Angeline demorou um instante para responder. Reconheceu o timbre da memória — o frio cortante, o parto difícil, o desespero contido.

Inclinou levemente a cabeça.

— Sim... lembro-me. Ela foi muito corajosa.

A senhora deu alguns passos para dentro, os olhos pousando com respeito nas mãos de Angeline, ainda trêmulas do esforço.

— A coragem parece seguir a senhora — murmurou. — Vi muitas mulheres rezarem por ajuda, mas poucas a encontraram na forma de uma lady.

Angeline sorriu, um sorriso cansado seguido de um suspiro.

— Eu faço o que posso... nada além disso.

— Não, minha filha. — A voz da idosa tornou-se mais terna, quase maternal. — A senhora faz o que é preciso, o que mais ninguém faz. E o faz com compaixão.

Ela se aproximou, pousando a mão leve sobre o ombro de Angeline.

— Já a vi ajudar mulheres a darem à luz. Tem um propósito nobre. Mas... — a pausa foi longa, o olhar profundo — ...não me parece feliz vivendo esse propósito.

O coração de Angeline se contraiu. Sentiu o ar rarefeito dentro do pequeno quarto, o peso das horas mal dormidas, das despedidas que nunca ousava fazer.

— A felicidade, minha senhora, é um luxo que já não sei nomear. Mas garanto que estou... em paz.

A senhora sorriu — um sorriso que via através da mentira.

— Paz não é o mesmo que alegria, minha querida. A verdadeira felicidade só alcança o coração quando estamos perto de quem realmente amamos.

Angeline desviou o olhar, como quem teme ser descoberta.





No silêncio que se seguiu, uma lembrança surgiu com força: Maddie.

O som da risada dela, o jeito impaciente de falar, o calor de sua presença — tudo veio de súbito, como uma onda que devolve o que o tempo tentou apagar, e o peito de Angeline se apertou.

Ela compreendeu, sem precisar de palavras, que o ciclo que a sustentara — essa peregrinação entre partos, despedidas e promessas — chegara ao fim. Que não havia mais perdão a buscar nas dores alheias.

— Preciso voltar — murmurou, quase sem voz. — Para Londres...

A senhora apenas assentiu, como quem já sabia.

E no breve silêncio que se fez, Angeline sentiu algo raro e precioso: uma clareza que doía — mas libertava.



E talvez você esteja chateada por não encontrar

Satine Featherstone

no dreamcast de “Dama que Sempre Amei”, mas não fique.

Logo após a história de Edward e Angeline, vamos conhecer a linda história de Satine - e, aqui entre nós... o hot que escrevi para ela e o seu par foi o mais lindo que eu já escrevi em todo esse tempo...

Não vou dar spoilers, só quero tranquilizar você, leitora que me pediu que Satine fosse o par do conde, dizendo que o par dela foi pensado com carinho, com cuidado, para fechar essa série com chave de ouro.

E para que você não pense que eu não vou dar menos que um lorde perfeitamente imperfeito para a Srta. Featherstone, deixo aqui um pequeno mimo para você, que torceu tanto por ela:

